

educação e democracia

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 14 • 2014

NO CENTENÁRIO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL – GILBERT, Martin - *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007 (acaba de sair uma 2.^a edição na nossa língua) (“A Europa está louca, o mundo está está louco”, Abril-Junho de 1916).

Esta obra do grande historiador britânico de Oxford e biógrafo de Winston Churchill, publicada inicialmente em língua inglesa em 1994, integra-se na sua vasta e decisiva historiografia sobre temas do século XX: *A Segunda Guerra Mundial*, com três edições em língua portuguesa pelas Publicações Dom Quixote (1989, 2009 e novamente 2009), *História de Israel*, Lisboa, Edições 70, *O Holocausto. História dos Judeus da Europa na Segunda Guerra Mundial*, São Paulo, 2.^a edição, 2010, *História do Século XX*, 1.^a edição, Lisboa, Dom Quixote, 2009 e outras. Historiador consagrado no Reino Unido e noutros países e considerado por alguns sectores como “o maior historiador inglês dos nossos dias”, as suas obras são marcantes a nível mundial especialmente aquelas que se ocupam dos dois grandes conflitos mundiais do “curto século XX” para usar a expressão de um outro grande historiador britânico recente, Eric Hobsbawm, este de formação marxista. Aquele historiador conservador escreveu uma obra notável sobre a Grande Guerra, com uma erudição fora do comum, com uma memória extraordinária, com uma capacidade de narrativa invulgar e com um conhecimento dos pormenores sobre as condições da Guerra e da Paz inauditos. Porém, apesar de todas as grandes qualidades científicas desta obra, como das outras aliás, nem sempre estamos de acordo com a sua perspectiva historiográfica - cremos que é

uma obra demasiado narrativista (o que não significa a ausência do nosso reconhecimento da importância e significado da história narrativa, afinal uma das abordagens metodológicas e explicativas também essenciais da prática historiográfica actual) e não tão interpretativa como gostaríamos. Trata-se de um livro de um autor clássico – no qual Sir Martin Glibert utiliza demasiado a cronologia deixando-se guiar por ela, com uma abordagem, por vezes, demasiado empirista em termos gnoseológicos, que privilegia a análise das batalhas (embora estas sejam de grande importância para o curso da “Guerra Total”: Marne, Verdun, Somme, Dardanelos e Galípoli, batalhas do Isonzo e de Caporetto na Frente italiana, etc.). Se é certo que o general Foch afirmava, como bom militar que era, “A Batalha, a Batalha, é a única coisa que importa” (1918), também é verdade que, como nos explicou Clausewitz na sua teorização sobre os conflitos militares, “A Guerra é a continuação da política por outros meios”. Isso não significa que as abordagens do historiador britânico não sejam ainda fundamentais, embora hoje já haja obras sobre o tema mais actuais numa altura em que se reescreve, ou se tenta reescrever a História da Europa uma vez que as “políticas da memória” continuam a ser determinantes na “orientação” das historiografias nacionais. Na verdade, acreditamos que a obra de Gilbert expressa o ponto de vista britânico sobre a grande Guerra, enquanto por exemplo a “velha” obra de Pierre Renouvin, *La crise européenne et la Première Guerre Mondiale: (1904-1918)* (Paris, 1969) não deixa de revelar também o ponto de vista francês sobre esse fenómeno histórico de grande dimensão geográfica, económica, política e ideológica que foi a Primeira Guerra Mun-

dial a qual se saldou por cerca de 10 milhões de mortos de entre os quais 28% dos combatentes e, só em França, 3 milhões de feridos, dos quais 1 milhão de inválidos e 60.000 amputados (Olivier Faron, Sorbonne, 2003). Voltando a Gilbert cremos que, este historiador revela algum paternalismo em relação à participação portuguesa na Guerra ilustrada na obra com fotografias do Corpo Expedicionário Português (CEP) muito significativas. Lembremos, neste ensejo, que cerca de 7.000 soldados portugueses perderam a vida na Grande Guerra e que na batalha de La Lys, a 9 de Abril de 1918 os 20.000 soldados portugueses não conseguiram fazer frente aos 50.000 militares alemães cujas divisões tinha sido trazidas da Frente Oriental para a Ocidental após o armistício alcançado, após a formação do novo poder na Rússia em Outubro de 1917 entre os bolcheviques e os alemães, austríacos, búlgaros e turcos em Brest-Litovsk (antiga fortaleza russa). As negociações encabeçadas por Trotsky ido lado bolchevique iniciaram-se em 22 de Dezembro de 1917. Julgamos que este assunto deveria merecer um outro desenvolvimento por parte de Martin Gilbert que apenas o refere. Lembremos que o exército alemão na Frente Leste foi dirigido por dois dos grandes generais alemães - Hindenburg e Ludendorff – que viriam a ter o papel significativo na fase final da Guerra e no pós-Guerra na Alemanha, como aliás se sabe. A Primeira Guerra mundial representou, em termos demográficos uma grande catástrofe como foi assinalado por Gilbert e por outros historiadores nomeadamente franceses. Só por volta de 1950 o nível de população voltaria aquele que existira em 1914 e os países europeus criaram o culto da morte no pós-guerra. No caso de França, a Pátria declarou-se reconhe-

cida aos mortos e construiu 36.000 monumentos aos mortos em igual número de comunas. No Arco do Triunfo, em Paris, foi criado o túmulo do Soldado Desconhecido, facto imitado noutros países como a Inglaterra, ou mesmo Portugal (mosteiro da Batalha). Ora este fenómeno do culto da morte escapa à análise de Gilbert. Em visitas pessoais à região dos Midlands (Lemington, por exemplo) na Inglaterra e, mesmo em Bolonha, pudemos comprovar a existência de grande Memoriais aos mortos que tombaram nos campos de batalha nos quais surgem milhares de nomes de soldados que morreram nesta “Guerra Patriótica”, inicialmente prevista como localizada, mas que depois se alargou a todo o mundo atingindo quase todos países de forma directa, ou indirecta (ex. nações da América Latina). A “União Sagrada” com que a França iniciou a Guerra voltaria a ressurgir no final do conflito em torno do culto dos mortos. Terminemos pois esta breve nota de leitura citando o próprio Martin Gilbert com o qual estamos de acordo nesta análise.: “Esta recordação dos mortos. Ligando as duas guerras mundiais no século XX, trouxe-me à mente as ligações entre os indivíduos que lutaram e os que ficaram para guardarem as suas memórias. Todas as guerras acabam reduzidas a estatísticas, estratégias, debates sobre as suas origens e os seus resultados. Estes debates sobre a guerra são importantes, mas não mais importantes do que a história humana daqueles que nelas combateram” (p. 797).

Vítor Neto
(Historiador)